

**O CONCEITO DE WAHLVERWANDTSCHAFT EM MAX WEBER:
NOTAS SOBRE O MÉTODO HISTÓRICO E SEUS FANTASMAS**

ROSE DAYANNE SANTOS DE BRITO¹

1. INTRODUÇÃO

No século XIX, as transformações materiais que ocorriam na sociedade europeia (Revolução Industrial) refletiam, no campo teórico, o auge das ciências naturais. Neste cenário, as explicações históricas também se relacionaram com os preceitos metodológicos evolucionistas. Na segunda metade deste século, porém, as reações antipositivistas ganharam força na Alemanha, a partir das heranças do idealismo romântico e no sentido de protagonizar uma autonomia para as ciências histórico-sociais².

A historiografia de tradição hegeliana e rankeana dificultavam o desenvolvimento da teoria nas ciências sociais, “isso ocorria especialmente na Economia, setor em que a escola histórica desestimulava a teoria sistemática, opondo-lhe um tesouro maciço de detalhes históricos, fatos jurídicos e descrição institucional” (GERTH; MILLS, 1982, p. 62). É nesse contexto intelectual e politicamente conturbado da Alemanha que vão se desenvolver as obras de Max Weber. Assim como muitos historiadores alemães do século XIX, Weber teve uma forte participação na esfera pública da época, foi um cidadão atuante e um intelectual engajado politicamente, o que trouxe consequências para a sua teoria da história.

O tema deste trabalho é o diagnóstico weberiano sobre a origem e o desenvolvimento do capitalismo, assim como, suas consequências para as relações sociais. O nosso objetivo é:

¹ Mestranda em Direito na UFSC com bolsa da CAPES, na linha Teoria, Filosofia e História do Direito.

² “Em 1883, Wilhelm Dilthey (na sua *Introdução aos Estudos Humanos*) estabeleceu a diferença entre as *Geisteswissenschaften* (ciências do espírito) e as *Naturwissenschaften* (ciências naturais) não na base da complexidade do homem [...] mas de acordo com as distinções categoriais dos objetos e métodos. O historiador, em grau não inferior ao do físico, emprega métodos precisos e rigorosos nas suas investigações; [o problema é que as questões] especiais da compreensão histórica tinham sido ignoradas ou tratadas como subclasse de uma teoria do conhecimento que abrangia todos os fenômenos empíricos. [O ponto] central aqui não era explicar, mas compreender (*verstehen*), e a compreensão passava necessariamente por uma oscilação entre a expressão individual e o contexto. Tratava-se de um círculo interpretativo que um positivista talvez se sentisse tentado a explicar habilidosamente; para Dilthey, porém, era uma condição necessária da compreensão histórica” (HADDOCK, 1989, p. 211-212, grifo nosso).

(I) identificar em Weber o conceito de *Wahlverwandtschaft* como o ponto-chave na análise metodológica do pluralismo causal; (II) verificar a descrição de Weber sobre o controle burocrático na sociedade capitalista a partir da expressão *Stahlhartes Gehäuse*; (III) apontar a tensão entre democracia e capitalismo à luz da Rússia pré-revolucionária. Os dois problemas que direcionam nosso texto é saber: primeiro, se existe (e qual o limite) da crítica weberiana ao sistema capitalista? E em segundo lugar, por que Max Weber se interessa em escrever (em 1906) sobre os acontecimentos históricos da Rússia?

Para responder essas perguntas e atingir os objetivos deste trabalho buscamos inicialmente apresentar breves considerações sobre o quadro histórico e político que passava a Europa, especificamente, a Alemanha. Nesse sentido, a vida e a obra de Weber serão apresentadas em correlação com seu tempo histórico (desde seus posicionamentos políticos aos seus adversários teóricos). Neste ponto, será mencionada sua oposição ao materialismo histórico dialético, até porque muitos pesquisadores compreendem que “la obra de Weber no se puede leer sin tener presente su referencia obligada a Marx. Desde este punto de vista, se considera que Weber estableció un constante debate con *el fantasma de Marx*, y que lo esencial de su trabajo se configuró en su polémica con él” (DUEK, 2008, p. 250, grifo nosso). Com o intuito de não enfatizar apenas um lado da história (as críticas de Weber), faremos referência, quando preciso, as ideias de Marx. Afinal, até os fantasmas precisam ter seu lugar de fala para não fabricarmos uma história unilateral³.

A hipótese deste trabalho é que (I) por ter vivido em um tempo conflituoso, os posicionamentos de Weber mudaram, adaptando-se às circunstâncias políticas da época; (II) a diagnose do sistema capitalista de Weber fez com que ele recaísse em um pessimismo cultural; (III) isso explica o interesse por outras experiências nacionais como *Zur Lage der burgerlichen Demokratie in Russland* (Situação da Democracia Burguesa na Rússia).

³ Este cuidado com as fontes é essencial para evitar críticas genéricas e inconsistentes, sendo assim, é oportuno mencionar que “algunas de las obras de Marx y Engels se publicaron después de la muerte de Weber (*Crítica de la Filosofía del Estado de Hegel*, *Crítica de la filosofía del derecho de Hegel*, *Manuscritos económico-filosóficos*, *La ideología alemana*, *Elementos fundamentales para la crítica de la economía política*). Pero además de este hecho, que obviamente determina el conocimiento parcial o fragmentario del conjunto de la producción de Marx y Engels, de los escritos que Weber pudo haber conocido, en su obra sólo menciona explícitamente *El Manifiesto Comunista*, *Miseria de la filosofía*, *El capital* y *El origen de la familia, la propiedad privada y el Estado*. E incluso cabe decir que el conocimiento de éstos es disímil. Si de la conferencia sobre *El socialismo* [em 1918] se deduce que Weber hizo una lectura detenida del *Manifiesto*, no podemos asegurar lo mismo respecto de *El capital*, la obra de mayor alcance teórico de Marx” (DUEK, 2008, p. 277).

2. QUADRO HISTÓRICO

“A constituição da ciência histórica alemã no século XIX coincidiu com um momento ímpar da própria história da Alemanha, o processo de unificação política e de formação do Império [...]” (BENTIVOGLIO, 2010, p. 1). O diálogo intenso entre o pensamento histórico e a atuação política fez com que muitos historiadores exercessem ofícios legislativos e perdessem cargos acadêmicos. Estas disputas e instabilidades não atingiam apenas os professores de História, mas caracterizavam o macrocosmo universitário⁴.

Em oposição à escola rankeana, a escola histórica prussiana buscava uma investigação fundamentada na consciência nacional e nas questões político-territoriais. Estas pesquisas historicistas realizadas na Alemanha do século XIX não ficaram restritas apenas ao âmbito interno; pelo contrário, muitos historiadores foram influenciados pelos métodos de Ranke e Mommsen. Isso ocorreu, por exemplo, na Inglaterra⁵.

As jornadas de 1848 sinalizavam o desejo da unificação alemã e a urgência de novas reformas que possibilitasse mais liberdades individuais e o fim da censura à imprensa. A Restauração, no entanto, propiciou uma expressão conservadora do nacionalismo, acentuando as tensões sociais e políticas do período. Nesse cenário, surgiu a figura de Bismark que promoveu, inicialmente, um entusiasmo por parte dos intelectuais, mas com o passar do tempo sofreu fortes críticas pelos aspectos aristocráticos e autoritários do Segundo Reich.

Resguardadas as particulares locais, as agitações foram uma marca comum no continente europeu deste período. Não podemos esquecer o crescimento do proletariado na

⁴ “After graduating [1841], Marx moved to Bonn, hoping to become a professor. However, the reactionary policy of the government, which deprived Ludwig Feuerbach of his chair in 1832, refused to allow him to return to the university in 1836, and in 1841 forbade young Professor Bruno Bauer to lecture at Bonn, made Marx abandon the idea of an academic career” (LENIN, 1970, p.1).

⁵ Em uma interpretação contra-hegemônica sobre os grandes historiadores da época, Engels afirmava: “O juriconsulto inglês H. S. Maine acreditou ter feito um descobrimento extraordinário ao dizer que nosso progresso em relação às épocas anteriores consiste em que passamos *from status to contract*, isto é, de uma ordem de coisas herdada para outra livremente consentida – uma afirmação que, na medida em que é correta, já se encontrava de há muito no *Manifesto Comunista*. [...] Mas, para firmar contratos, é necessário que haja pessoas que possam dispor livremente de si mesmas, de suas ações e de seus bens, e que se defrontem em igualdade de condições. Criar essas pessoas “livres” e “iguais” foi exatamente uma das principais tarefas da produção capitalista” (ENGELS, 1985, p. 86-87, grifo nosso).

Inglaterra e França. Em 1845, as pesquisas de Engels sobre *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* já anunciavam que “a situação da classe operária é a base real e o ponto de partida de todos os movimentos sociais de nosso tempo porque ela é, simultaneamente, a expressão máxima e a mais visível manifestação de nossa miséria social” (ENGELS, 2008, p. 41). Embora a Alemanha, na época, fosse apenas um território fragmentado lutando por demandas próprias e com pouco protagonismo operário, ela não ficou livre dos ventos e ideias que sopravam do resto da Europa. Pode-se apontar, inclusive, que “a radicalização dos movimentos estudantis teve seu ponto alto no surgimento d’A Gazeta Renana de Karl Marx, que começou a circular em 1842, e, em escala menor com a Gazeta Alemã de Gervinus, surgida em 1845” (BENTIVOGLIO, 2010, p.48).

As propostas anarquistas e socialistas aos poucos foram ganhando adeptos por toda parte da Europa. A propagação das ideias teve proeminência em 1864 em uma grande reunião pública internacional dos operários no St. Martin's Hall de Londres (que ficou conhecido mais tarde como *Primeira Internacional*). No evento, foi criada a Associação Internacional dos Trabalhadores, que tinha como um de seus membros Karl Marx. Neste mesmo ano (1864) nascia Max Weber em Erfurt.

A ciência histórica alemã do século XIX interage, pois, com as peculiaridades políticas e a multiplicidade de ideias do seu tempo. Apesar de a consciência nacional ser a tônica das investigações teóricas, seria incorreto afirmar que a Alemanha manteve-se fechada e que não compartilhou das incertezas e novas ideias que rondavam a Europa. Esse esclarecimento pode nos ajudar a compreender o fato de “o SPD [ter se tornado] em 1890, o maior partido da Alemanha, com 19,7% dos votos. Em 1912, sua porcentagem – 34,8% – era mais que o dobro da relativa ao segundo maior partido” ⁶ (PRZEWORSKI, 1989, p. 32). Sendo assim, o conteúdo social na História e no Direito refletem as transformações estruturais por que passava a sociedade europeia, em particular, a Alemanha. Nesse sentido,

⁶ A proeminência da Social-Democracia alemã não encobria as divergências internas que existiam no partido. “A discussão que melhor refletiu esse problema foi aquela desenvolvida entre Eduard Bernstein e Rosa Luxemburg, dentro do partido alemão, mas com transcendência para todo o movimento socialista internacional da época. Nela estão presentes praticamente todos os temas centrais da estratégia e da tática das forças anticapitalistas: o novo caráter assumido pelo capitalismo da fase imperialista, os reflexos sociais das transformações desse sistema, o papel dos sindicatos e partidos anticapitalistas, até as vias de instauração do socialismo, e inclusive nas questões de interpretação teórica sobre o método dialético” (SADER, 1990, p. 8).

Quase todas as fórmulas polêmicas e as proposições do século XIX podem ser referidas a este processo e incluir-se num processo global de desenvolvimento da consciência social dos juristas alemães. O espírito do povo de Savigny, o direito dos juristas de Puchta, o direito popular de Beseler, a finalidade no direito de Jhering, o direito social e comunitário de Gierke, todos eles são (tal como a alienação do homem na sociedade de mercadorias, segundo a concepção de Karl Marx) tentativas de reacquirição da identidade da consciência jurídica e jurídico-científica com o caráter histórico e, portanto, social – agora descoberto – da existência (nacional ou social). Este foi o último e mais duradouro contributo do historicismo para o pensamento jurídico do século XIX. (WIECKER, 1967, p 409).

2.1 VIDA E OBRA DE MAX WEBER

Max Weber nasceu em 1864 e faleceu em 1920. “Filho de uma família da alta classe média, Weber encontrou em sua casa uma atmosfera intelectualmente estimulante” (TRATENBERG, 1997, p. 6). Em 1869, os Webers mudaram-se para Berlim passando a ter “como vizinhos personalidades acadêmicas e políticas. Na casa de seu pai, o jovem Weber conheceu homens como Dilthey, Mommsen, Julian Schmidt, Sybel, Treitschke e Friedrich Kapp” (GERTH; WRIGHT, 1982 p. 15).

O pai de Weber era um jurista famoso e influenciou não apenas a formação intelectual do filho, mas também suas convicções políticas na juventude. Podemos afirmar que “sua primeira posição política foi, como seu pai, a do liberalismo nacional. Sob líderes eminentes, esse partido se aproximara de Bismarck na década de 1880. Eram, nesse aspecto, liberais moderados: não desejavam “nem seguir nem combater, mas influenciar Bismarck”⁷” (GERTH; WRIGHT, 1982 p. 47). Entre 1882 e 1888, Weber realiza seus estudos universitários na Faculdade de Direito de Heidelberg, prosseguindo-o em Göttingen e Berlim. Aprofundou suas leituras em economia e filosofia, o que trouxe consequências para seu posicionamento político. Em 1886, “Weber se asoció con un círculo de economistas, funcionarios y socialistas académicos, interesados por las ideas sociales, aunque “libres de aspiraciones de clase”. Eran reformadores sociales, para quienes la intervención del Estado en la cuestión social era primordial.” (DUEK, 2008, p. 252). Esta postura o afastou do liberalismo-nacional de seu pai.

⁷ Nesse contexto, foi possível “combater a *Kulturkampf* contra os católicos e reprimir o trabalhismo socialista. Com a adoção dessas políticas, e com as várias divisões entre os liberais e esquerdistas, Bismarck pôde jogar esses grupos uns contra os outros”. (GERTH; WRIGHT, 1982 p. 47).

Nos anos que antecederiam o século XX, surgiram na Alemanha novas demandas como a conquista de colônias e a propagação das tensões bélicas. O discurso de Weber na Universidade de Friburgo sugere que “em meados da década de 1890, Weber era um imperialista, defendendo o interesse de poder do Estado nacional como o valor final [...] considerou-se um “nacionalista econômico”, medindo as várias classes com o estalão dos interesses políticos do Estado” (GERTH; WRIGHT, 1982 p. 50). Em 1899, foi internado em uma clínica por sofrer crises psíquicas. Em 1903, antes de visitar a América, começa a se distanciar do nacionalismo conservador fazendo críticas aos Junkers. “Ao regressar à Alemanha, em 1905, seus interesses políticos foram despertados pela primeira revolução russa daquele ano. Como se dera ao trabalho de aprender o russo, pôde acompanhar os acontecimentos em vários diários russos”⁸ (GERTH; WRIGHT, 1982 p. 52-53).

As convicções políticas do Weber maduro direcionam a considerá-lo um democrata. No entanto, democracia para Weber não significava “igualdade entre os homens” (no sentido material), mas deve ser entendida como o sistema político em que o povo escolhe líderes competentes para gerir a Nação, essa leitura pode extraída da discussão publicada no *Frankfurter Zeitung* entre Weber e Ludendorff em 1918. Na imagem abaixo, é possível verificar o diálogo entre esses dois indivíduos, identificados pela letra inicial do nome.

W.: Glauben Sie denn, daß ich die Schweinerei, die wir jetzt haben, für *Demokratie* halte?

L.: Wenn Sie so sprechen, können wir uns vielleicht verständigen.

W.: Aber die Schweinerei vorher war auch keine Monarchie.

L.: Was verstehen Sie *dann* unter Demokratie?

W.: In der Demokratie wählt das Volk seinen Führer, dem es vertraut. Dann sagt der Gewählte: „Nun haltet den Mund und pariert“. Volk und Parteien dürfen ihm nicht mehr hineinreden.

L.: Solche ‚Demokratie‘ kann mir gefallen!

W.: Nachher kann das Volk richten – hat der Führer Fehler gemacht – an den Galgen mit ihm! –“ (*Lebensbild*, S. 664 f.; MWG 1, 16, S. 553)

FONTE: SUKALE, 2002, p. 560.

⁸ “Também manteve conversas freqüentes com o cientista político russo T. Kistiakovski — um dos líderes intelectuais do liberalismo burguês esquerdista na Rússia — que trabalhava para a revolução” (GERTH; WRIGHT, 1982 p. 53).

A partir da resposta de Weber, é possível afirmar que a Democracia, para ele, distanciava-se das causas defendidas pelos socialistas da época. Embora seus posicionamentos tenham se tornados adaptáveis ao contexto alemão, ele não foi um simpatizante da interpretação marxiana sobre a luta de classes. Inclusive, quando esteve na direção do Arquivo de Ciências Sociais (*Archiv für Sozialwissenschaft*), se dedicou a contrapor as teses do materialismo histórico que conquistavam novos adeptos na Alemanha. Desde 1863, o partido criado por Lassalle (*Allgemeine Deutsche Arbeiterverein*) aos poucos “se tornava marxista e atraía um brilhante grupo de jornalistas e organizadores, historiadores e sociólogos. Esses homens orgulhavam-se de seu desligamento em relação às fidelidades nacionais” (GERTH; WRIGHT, 1982 p. 62).

No geral, Weber buscou contrapor tanto as propostas políticas reacionárias quanto às causas proletárias que ganhavam força internacional. Como na época de criança, sua casa era frequentada por grandes personalidades da época. “Precisamente o “círculo Max Weber de Heidelberg”, que entre 1906 e 1918 reunia aos domingos, na casa de Max e Marianne, uma brilhante plêiade de intelectuais e universitários, entre os quais Ferdinand Tönnies, Georg Simmel, Karl Jaspers [...]” (LÖWY, 2014, p. 45-46). Dentre os estudantes que frequentavam este grupo, estavam os jovens Ernst Bloch e György Lukács, os grandes nomes do marxismo do século XX, sobretudo o segundo. “Naturalmente, isso não significa que o autor de *A ética protestante* compartilhasse todas as opiniões de seus convidados...” (LÖWY, 2014, p. 46).

3. CONSIDERAÇÕES SOBRE O TERMO WAHLVERWANDTSCHAFT

Após a morte de Weber, vários teóricos se dedicaram aos estudos das obras de Sociologia das religiões, especialmente, *A ética protestante*. O conceito *Wahlverwandtschaft* (afinidade eletiva) aparece em muitos desses escritos, “mas, estranhamente, esse termo suscitou poucos estudos, discussões ou debates e menos ainda uma análise um pouco mais sistemática de seu significado metodológico” (LÖWY, 2014, p. 61).

Resgatamos esse conceito para identificar o cerne da contraposição de Weber ao método histórico de Marx. Para Weber, “o marxismo lhe parecia uma teoria monocausal insustentável e, com isso, prejudicial a uma reconstrução adequada das conexões sociais e

históricas. Sentia que Marx, como economista, havia cometido um erro [...]” (GERTH; WRIGHT, 1982 p. 64). Em oposição à tese do fator único (econômico), Weber tentou construir uma teoria sobre a sociedade capitalista a partir da pluralidade de fatores causais⁹.

Como mencionamos na Introdução do trabalho, Weber teve contato com algumas obras de Marx e não possuía uma leitura aprofundada d’*O Capital*. No final do século XIX, alguns teóricos marxistas já alertavam a necessidade de uma interpretação mais conjuntural da obra de Marx, pois o estereótipo de “economicista” se desfaz quando interligamos os fundamentos histórico-sociológicos aos econômicos do materialismo marxiano. Nessa linha de raciocínio, é possível afirmar: “a revolução que Marx realizou na Economia Política consiste em ele ter considerado as relações sociais que estão por trás das categorias materiais. É esse o verdadeiro objeto da Economia Política enquanto ciência social” (RUBIN, 1987, p. 61). O próprio Marx havia argumentado a impossibilidade de separar as demandas econômicas das relações sociais no capitalismo, já que “não é com seus pés que as mercadorias vão ao mercado, nem se trocam por decisão própria. Temos, portanto, de procurar seus responsáveis, seus donos. As mercadorias são coisas; portanto, inermes diante do homem” (MARX, 2008, p. 109).

O termo *Wahlverwandtschaft* foi utilizado, em 1724, por Hermannus Boerhaave em um trabalho sobre elementos químicos; Goethe, por sua vez, fez desse termo o título de seu romance em 1809. Com Weber, entretanto, este conceito adquire um sentido sociológico¹⁰. “Weber não define o conceito de “afinidade eletiva” em nenhum dos exemplos [em que usa o termo]. Ele parece considerá-lo evidente, suficientemente familiar a um público alemão erudito, que conhece de cor os escritos de Goethe” ¹¹ (LÖWY, 2014, p. 69). O fato de não encontramos a definição não descarta a importância desse conceito no conjunto do pensamento de Weber, afinal ele aparece em várias obras, por exemplo, *Sociologie des religions*, *Wirtschaft und Gesellschaft*, *Die protestantische Ethik*, dentre outras. Neste

⁹ “En abril de 1918, Weber pronunció en Viena una serie de conferencias dedicadas a “una crítica positiva del materialismo histórico”. Las mismas se basaban en sus investigaciones de sociología de la religión y de sociología del estado. El autor de *Wirtschaft und Gesellschaft* definió, en el curso de esas conferencias, su sociología de la religión como una crítica positiva del materialismo histórico” (KOWALSKI, s/d, p. 1).

¹⁰ Ver o texto de González García “*Afinidades electivas entre sociología y literatura*”, Estudios, 1987, p. 41-51.

¹¹ Weber é bastante influenciado por Goethe, desde a adolescência já manifestava tal interesse. Aos 14 anos, escreve uma carta ao seu primo dizendo que “para escapar del tédio de las aulas leyó de cabo a rabo y em secreto una edición en cuarenta volúmenes de Goethe em su proprio pupitre” (MITZMAN, 1969, p. 31).

trabalho, buscamos estudar o conceito de afinidade eletiva no ensaio *Zur Lage der burgerlichen Demokratie in Russland*.

Pode-se depreender das referências feitas por Weber que seu objetivo “com o conceito de *Wahlverwandtschaft* é, em primeiro lugar, a existência de elementos convergentes e análogos entre uma ética religiosa e um comportamento econômico: o ascetismo puritano e a economia do capital, a ética protestante do trabalho e a disciplina burguesa do trabalho [...]” (LÖWY, 2014, p. 64). Assim, entendemos que este conceito adquire relevância metodológica para contrapor as premissas do método histórico de Marx fundado, para Weber, em uma teoria monocausal (econômica). Se “Marx explica a origem do capitalismo moderno pelo conceito de *acumulação primitiva* do capital [...], para Weber o capitalismo moderno está baseado numa atividade econômica legal, metódica e racional, cujos protagonistas são empreendedores inspirados na ética protestante” (LÖWY, 2014, p. 19). A partir disso, Weber defende a multiplicidade de fatores causais (extraeconômicos) para a gênese do capitalismo.

4. BUROCRACIA E CAPITALISMO: STAHLHARTES GEHÄUSE

“Max Weber es bien conocido por su descripción del mundo moderno como una “jaula de hierro” (stahlhartes Gehäuse). Conjuntamente con la mayoría de sus colegas alemanes del fin de siècle, él contempló la llegada del capitalismo moderno con temor y con malos augurios” (KALBERG, 2005, p.174). Neste tópico, recorreremos à metáfora “stahlhartes Gehäuse” utilizada por Weber na *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* para verificar seu diagnóstico sobre a civilização capitalista burocrática.

É possível constatar a partir da leitura desta obra que Weber discorda não só da fundamentação da origem do capitalismo de Marx, mas, também, dos caminhos da sua crítica. Pode-se dizer que “Weber pensaba que en la sociedad moderna, los hilos de las instituciones estatales, burocráticas y económicas se entretejen férreamente y construyen una jaula que aprisiona al espíritu humano, mutilando su universalidad fáustica e impidiendo el desarrollo completo del individuo” (GONZÁLEZ GARCÍA, 2007, p. 6). A crítica de Weber, portanto,

parte do prisma do indivíduo, não se confunde com a interpretação marxiana da luta de classes¹². Em oposição a esta terminologia, Weber utiliza a ideia de burocracia racional.

“Weber identifica, assim, a burocracia com a racionalidade, e o processo de racionalização com o mecanismo, despersonalização e rotina opressiva. A racionalidade, nesse contexto, é vista como contrária à liberdade pessoal. Assim, Weber é um liberal nostálgico, sentindo-se na defensiva” (GERTH; WRIGHT, 1982 p. 68). Este pessimismo pode ser explicado pelas ilusões do progresso da sociedade burguesa, assim como, pela conjuntura política que passava a Europa após a Primeira Guerra Mundial, em especial, a Alemanha.

Na *Ética Protestante*, Weber faz um diagnóstico crítico do capitalismo, embora não seja “radical”¹³ como o de Marx, tem importância para compreensão da sociedade da sua época. Logo, o conteúdo da crítica os leva a caminhos distintos, “enquanto Marx aposta na possibilidade de uma superação do capitalismo graças à revolução socialista operária, Weber, hostil a qualquer forma de socialismo, é, sobretudo, um observador fatalista e resignado de um modo de produção e administração que lhe parece inevitável” (LÖWY, 2014, p. 29).

5. “O DRAMA RUSSO”

Apesar dos problemas de saúde, Max Weber se dedica ao estudo dos acontecimentos pré-revolucionários da Rússia, e, como resultado, publica em 1906 o ensaio intitulado *Zur Lage der burgerlichen Demokratie in Russland*.¹⁴ A pergunta que buscamos responder é saber o que levou Weber a se interessar pelo contexto russo?

Sua pesquisa histórica o leva a compreender a sociedade fundamentada no processo de racionalização. Para Weber, a civilização burguesa não havia alcançado o progresso e a relação impessoal no capitalismo levava o indivíduo a uma nova dominação (metáfora da

¹² Para Kautsky: “A concepção materialista da História marca uma data memorável. Com ela começa uma nova era da ciência, apesar de todas as contestações dos sábios burgueses. [...] Ela realizou, com efeito, a união do movimento operário e do socialismo, criando assim as condições mais favoráveis à luta de classes proletária” (2002, p. 39).

¹³ No livro I do *Capital* encontramos o cerne da teoria de Marx, “esse coração é a teoria do mais-valor, que os proletários compreendem sem nenhuma dificuldade, já que é simplesmente a teoria científica daquilo que eles experimentam no dia a dia: a *exploração de classe*” (ALTHUSSER, 2013, p. 46).

¹⁴ Disponível em:

<http://www.zeno.org/Soziologie/M/Weber,+Max/Schriften+zur+Politik/Zur+Lage+der+b%C3%BCrgerlichen+Demokratie+in+Ru%C3%9Fland>

jaula de ferro). A partir do contexto alemão, Weber se debruça sobre outras experiências históricas. “O interesse que Max Weber demonstrara pelo processo político russo ia além da simples fascinação do atual, estava ligado a valores que ele reputava essenciais: o destino da Alemanha e o destino da liberdade” (TRAGTENBERG, 1976, p. 48).

Neste ensaio de 1906, Weber usa o conceito de “afinidade eletiva” para negar uma correlação implícita entre democracia e liberdade na sociedade capitalista. Segundo ele,

Es ist höchst lächerlich, dem heutigen Hochkapitalismus, wie er jetzt nach Rußland importiert wird und in Amerika besteht, – dieser »Unvermeidlichkeit« unserer wirtschaftlichen Entwicklung, – Wahlverwandschaft mit »Demokratie« oder gar mit »Freiheit« (in irgend einem Wortsinn) zuzuschreiben, während doch die Frage nur lauten kann: wie sind, unter seiner Herrschaft, alle diese Dinge überhaupt auf die Dauer »möglich«? Sie sind es tatsächlich nur da, wo dauernd der entschlossene Wille einer Nation, sich nicht wie eine Schafherde regieren zu lassen, dahinter steht. »Wider den Strom« der materiellen Konstellationen sind wir »Individualisten« und Parteigänger »demokratischer« Institutionen. Wer Wetterfahne einer »Entwicklungstendenz« sein will, der möge, so schnell wie nur möglich, diese altmodischen Ideale verlassen. (WEBER, 1988, s/p).

Se não existe uma relação intrínseca entre capitalismo e democracia, para Weber, a plenitude da liberdade individual também não se realiza pelas propostas socialistas, as quais, para o autor, perpetuaria a burocratização burguesa pela forte atuação do Estado:

Es stünde heute äußerst übel um die Chancen der »Demokratie« und des »Individualismus«, wenn wir uns für ihre »Entwicklung« auf die »gesetzmäßige« Wirkung materieller Interessen verlassen sollten. Denn diese weisen so deutlich wie möglich den entgegengesetzten Weg: im amerikanischen »benevolent feudalism«, in den deutschen sogenannten »Wohlfahrtseinrichtungen«, in der russischen Fabrikverfassung, – überall ist das Gehäuse für die neue Hörigkeit fertig, es wartet nur darauf, daß die Verlangsamung im Tempo des technisch-ökonomischen »Fortschritts« [...] (WEBER, 1988, s/p).

Esta interpretação da sociedade faz com que Weber recaia em um pessimismo cultural, já que a nova servidão da sociedade moderna está posta e as chances de liberdade parecem irrealizáveis. Resposta contrária foi dada pelo método histórico-dialético, pela compreensão marxiana da *luta de classes*. Nesse sentido, “o marxismo é a filosofia insuperável do nosso tempo. Ele é insuperável porque as circunstâncias que o engendram não foram superadas” (SARTRE, 1972, p.25). Se a produção teórica de Marx interage com suas convicções políticas, Weber também é influenciado pelas causas liberais. Por isso, “hecho el diagnóstico, el autor que en escritos posteriores postulará reiteradamente el ideal

metodológico de la “neutralidad valorativa” como presupuesto de cualquier tratamiento científico de la realidad cultural, introduce sus propias valoraciones” (DUEK, 2008, p. 256).

6. À GUIZA DE CONCLUSÃO

A ideia deste trabalho foi identificar os posicionamentos políticos de Weber, seus adversários teóricos e as pretensões de suas obras, as quais interagem com as demandas do seu tempo histórico. A partir da leitura das fontes, foi possível responder as perguntas-problemas estabelecidas neste trabalho. Primeiro, encontramos em Weber uma crítica ao capitalismo a partir do processo de burocratização da civilização moderna (verificada no texto pela expressão *Stahlhartes Gehäuse*). Ademais, examinamos as diferenças desta crítica em relação ao método materialista de Marx, cuja contingência histórica possibilitava abertura aos sujeitos coletivos para transformação social.

Segundo, foi possível verificar a partir do ensaio *Zur Lage der burgerlichen Demokratie in Russland* o interesse de Weber por outras experiências nacionais. De acordo com a interpretação de Weber, a Rússia também estava dominada pela burocratização, logo, neste país, não havia a realização plena da liberdade individual. Identificamos no conceito-chave *Wahlverwandtschaft* um prisma metodológico (debate com os marxistas) e o ponto de vista político, já que, para ele, não haveria intrinsecamente “afinidade eletiva” entre capitalismo e democracia. Tal diagnóstico leva Weber não apenas a adaptar suas convicções políticas em cada momento de tensão na Alemanha, mas, sobretudo, faz com que ele recaia em um pessimismo cultural acerca da civilização burguesa. Apontamos como um dos seus méritos o fato de ter aproximado a História da Teoria Social, nesse aspecto seus textos ainda tem muito a contribuir para compreensão da sociedade e da racionalidade instrumental.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. Advertência aos leitores do livro I d’ O Capital. In: MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo, 2013.

BENTIVOGLIO, Julio. *Cultura Política e Historiografia Alemã no século XIX: A Escola Histórica Prussiana e a Historische Zeitschrift*. Revista de Teoria da História Ano 1, Número 3, junho/ 2010. Universidade Federal de Goiás.

DUEK, María Celia. *Max Weber: posición política, posición teórica y relación con el marxismo en la primera etapa de su producción*. Convergencia, Revista de Ciencias Sociales, núm. 50, 2009, Universidad Autónoma del Estado de México.

ENGELS, Friedrich. *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. Trabalho relacionado com as investigações de L. H. Morgan. Trad. Leandro Konder. Editora Civilização Brasileira, 1985.

_____. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2008.

GERTH, H.H; WRIGHT, C. Mills. Introdução. In: WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. Editora LTC. Rio de Janeiro, 1982. p. 14-93.

GONZÁLEZ GARCÍA, José María. *Jaulas, máquinas y laberintos* (Imágenes de la burocracia en Kafka, Musil y Weber). Revista Observaciones Filosóficas nº 4 / 2007. p. 1-19.

HADDOCK, B. A. *Uma introdução ao pensamento histórico*. Lisboa: Gradiva, 1989.

JOZYR-KOWALSKI, Stanislaw, *Weber y Marx*. (Cuadernillo N° 3), s/d.

KALBERG, Stephen. *¿Es el mundo moderno una monolítica jaula de hierro?* Aprovechando a Max Weber para caracterizar la actual dinámica interna de la cultura política norteamericana. Sociológica, año 20, número 59, Septiembre-diciembre de 2005. pp. 173-195.

KAUTSKY, Karl. *As três fontes do marxismo*. Trad. de Carlos Roberto Lourenço. 5 ed. São Paulo: Centauro, 2002.

LENIN, V. I. *Karl Marx: A Brief Biographical Sketch with an Exposition of Marxism*. Foreign Languages Press, Peking 1970.

LÖWY, Michael. *A jaula de aço: Max Weber e o marxismo weberiano*. Tradução Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2014.

MARX, Karl. *O Capital*. V.1. Ed. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2008.

MITZMAN, Arthur. *La jaula de hierro: una interpretación histórica de Max Weber*. Madrid: Alianza Editorial, 1969.

PRZEWORSKI, Adam. *Capitalismo e Social-Democracia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

RUBIN, I. I. *A teoria marxista do valor*. São Paulo, Polis, 1987.

SADER, Emir. Prefácio. In: LUXEMBURGO, Rosa. *Reforma Social ou Revolução?* 2. Ed. Editora Global, 1990.

SARTRE, Jean Paul. *Questions de méthode: marxisme et existentialisme - critique de la raison dialectique*. Paris: Gallimard, 1972.

SUKALE, Michael. *Max Weber - Leidenschaft und Disziplin. Leben, Werk, Zeitgenossen*. Tübingen: Mohr Siebeck 2002. ISBN: 3-16-147203-9.

TRAGTENBERG, Maurício. Apresentação. In: WEBER, Max. *Textos Selecionados*. Traduções de Maurício Tragtenberg, Waltensir Dutra,; Calógeras A. Pajuaba, M. Irene de Q. F. Szmrecsányi, Tamás J. M. K. Szmrecsányi. Revisão de Cássio Gomes (Parlamentarismo e Governo). São Paulo: Nova Cultural. 1997.

_____. *Max Weber e a Revolução Russa*. Estudos. CEBRAP, São Paulo, n. 18, p. 47-70, 1976.

WEBER, Max. *A ética protestante e o 'espírito' do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

_____. *Gesammelte politische Schriften*. Hrsg. von Johannes Winkelmann. Tübingen 1988, s/p.

WIECKER, Franz. *História do Direito Privado Moderno*. 3ª edição, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Tradução de A. M. Hespanha. 2ª edição, Revista Vandenhoeck & Ruprecht, Göttingen, 1967.